

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO IV, Nº198 NOVEMBRO – PORTO VELHO, 2005
Volume XIV Setembro/Outubro

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS – História
ARNEIDE CEMIN – Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS – História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL – Geografia
MIGUEL NENEVÉ – Letras
VALDEMIR MIOTELLO – Filosofia

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

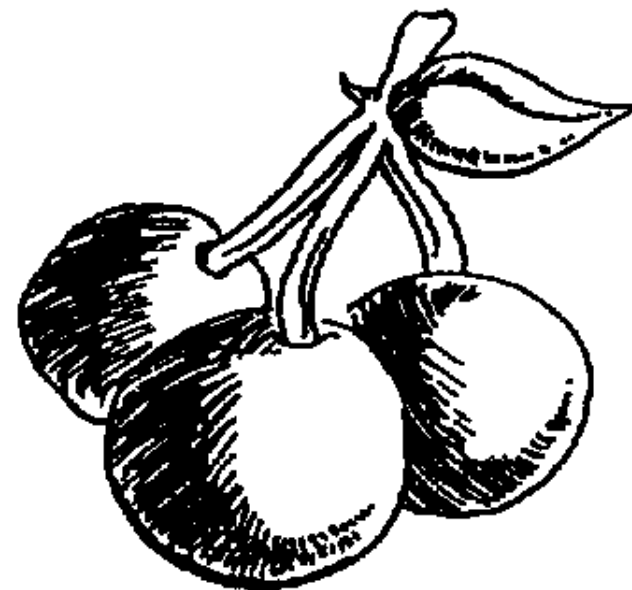
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

198



**O LÚDICO E SUAS RELAÇÕES
INTERDISCIPLINARES COM A LEITURA E
ESCRITA: RESULTADOS DE UMA PESQUISA**

Queite Fernandes

Célio José Borges



O LÚDICO E SUAS RELAÇÕES INTERDISCIPLINARES COM A LEITURA E ESCRITA: RESULTADOS DE UMA PESQUISA

Professor MS. Célio José Borges – Orientador Professor do Departamento de Educação Física - UNIR

Queite Fernandes – Bolsita PIBIC/CNPq Aluna do curso de Pedagogia - UNIR

O texto aqui apresentado toma por base o relatório e os resultados da pesquisa realizada pela então bolsista, Queite Fernandes, aluna do curso de Pedagogia, dentro do programa de iniciação científica do PIBIC/CNPq/UNIR, tendo como Objeto de Pesquisa, “O Lúdico e o Brincar como espaço dialógico e constituidor da Linguagem”, no período de 2002/2003.

Esta pesquisa teve como Objetivo Geral, “Refletir sobre a relação da Educação Física e a linguagem , em contextos lúdicos, enquanto processo interdisciplinar mediador e propulsor das atividades de leitura e escrita”.

E como Objetivos Específicos:

Desenvolver atividades físicas em contextos lúdicos a partir da leitura de histórias;

Desenvolver produção textual oral e escrita mediada pelo lúdico e pelas atividades físicas;

Contribuir com o processo de ensino-aprendizagem da escola por meio das atividades interdisciplinares.

Em seus pressupostos teóricos, destacou-se que:

Analisadas as concepções presentes na escola – da atividade física e da linguagem – decidiu-se por intervir no processo e cooperativamente instaurar um novo caminho de conceber a linguagem e a atividade física em que esta passa a ser compreendida como uma atividade lúdica, histórica, contextualizada, prazerosa e aquela, como prática social e dialógica, porque eminentemente histórica, constituída nas relações sociais estabelecidas nas circunstâncias vivenciadas.

Rompendo com o tradicional e resgatando a historicidade, buscamos compreender a criança – dentro de sua Cultura – dentro de um processo incessante de produção textual em situações de interação tal qual postula Bahktin (1979) quando afirma que:

As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações

quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica acabada. A palavra é capaz de registrar transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais.

Mais adiante Bakhtin (1998) acrescenta a relação direta da significação histórica e dialógica da linguagem que múltipla, plúri, viva, feita na interação entre sujeitos e palavras: "A significação não está na palavra nem na alma do falante nem na do interlocutor. E é o efeito de interação locutor receptor. Só a corrente da comunicação verbal fornece à palavra a luz de sua significação".

Tanto Vygotsky (1987) quanto Bakhtin (1985) manifestam-se em perfeita sintonia com relação ao papel fundamental da imaginação na constituição do conhecimento. Esses autores questionam o critério vulgar que traça uma fronteira impenetrável entre fantasia e realidade ou entre paixão e razão. Na perspectiva do senso comum, imaginação e fantasia se fundem com o irreal, com aquilo que não se ajusta à realidade e que, portanto, carece de valor prático e de racionalidade.

Para Vygotsky, a criação existe não apenas como origem dos acontecimentos históricos, mas também como processo onde o ser humano imagina, combina, modifica e cria algo novo, por insignificante que essa novidade pareça ao ser comparada com as realizações dos grandes gênios.

Acrescentando-se a isso a exigência da criação coletiva, que reúne todas realizações anônimas da criação individual. Para ele, o principal elemento da atividade criadora está nas relações sociais, pois são elas que vivificam e alimentam a constituição da arte, da ciência.

Nessa perspectiva, a linguagem, em um processo dialógico, está sempre a se constituir e mediar o movimento humano da imaginação e da fantasia. A criança vai constituindo os discursos nos constantes diálogos que estabelece com o mundo.

Geraldi (1994) afirma que... "é na relação que estabelecemos com os outros que adquirimos as nossas contrapalavras que, por serem históricas e sociais, sempre presentificamos as palavras de ontem nos contextos/discursivos proferidos hoje".

Assim, estamos em um processo constante de re(construção) porque somos sujeitos constituídos por e na linguagem que está sempre a se fazer no espaço e no tempo das relações sociais.

E a Educação Física, em uma perspectiva lúdica e contextualizada, pode abrir um espaço dialógico e mediar a interação da criança com o outro e com o mundo, tal qual propõe Cezar (1995:61) : "Numa abordagem construtivista o conhecimento surge da atividade prática da criança e suas experiências vividas. Para isso construir é resultado da atividade do sujeito que interage como mundo".

O lúdico torna-se na prática escolar indispensável para o processo de letramento, principalmente fazendo esse elo com outras disciplinas, uma vez que a leitura e a escrita deixam de ser atividades mecânicas e passam a ser algo significativo na vida da criança, a qual atribui sentido ao que lê e ao que escreve.

Huizinga (1993:07) quando fala que as grandes atividades arquetípicas da sociedade humana, desde início, são inteiramente marcadas pelo jogo. Como por exemplo, no caso da “linguagem”, esse primeiro instrumento que o homem forjou a fim de poder comunicar ensinar e comandar.

A linguagem é que lhe permite distinguir as coisas, defini-las e constata-las. Segundo o autor por detrás de toda expressão abstrata se oculta uma metáfora, e toda metáfora é jogo de palavras. Assim, ao dar expressão à vida o homem cria um outro mundo, um mundo poético.

Dessa maneira, a preocupação em estabelecer atividades físicas e lúdicas dentro do programa pedagógico reflete a possibilidade de inter-relacionar essa atividade. Na visão de (ALMEIDA 1974:24):

O lúdico constitui uma atividade primária do ser humano. É principalmente na criança que se manifestam de maneira espontânea, aliviam a tensão interior e permitem a reeducação do comportamento, o aumento do coeficiente de auto-confiança e suficiência, a expansão do eu, e, às vezes, a sublimação das tendências instintivas; fazem a criança agir com firmeza; trazem grandes benefícios, não só do ponto de vista físico, mas mental e social.

Nessa perspectiva, o lúdico e as atividades físicas podem ser considerados essenciais como propulsores da linguagem no contexto da educação escolar. Paralelamente essas atividades visam ao desenvolvimento no aspecto geral educandos, permitindo a compreensão da “linguagem” sempre relacionada às atividades propostas.

Há um resgate dos aspectos essencialmente humanos: a alegria do brincar, o riso, a reconstrução do espaço da sala de aula que passa a assumir, de alguma forma, o lugar da dialogia. Isso gera motivação para que criança produza seus textos e fale de coisas que fazem parte do seu mundo e de sua cultura. Sobre esse aspecto Bakhtin, apud Kramer (1994:82), afirma que:

Poucas são as oportunidades de troca, de interação verbal, oferecidas pelos professores às crianças. Este já é um aspecto bastante conhecido: a escola lida (com) e fala (das) “coisas da escola”. Desconsiderando o contexto sócio cultural, os fatos concretos e as situações reais de vida, ela estabelece uma fenda entre os conhecimentos culturais vivenciados das crianças e os conhecimentos “escolares”. E, sem dúvida alguma, um trabalho que vise à articulação de ambos os conhecimentos passa necessariamente pela linguagem, que não é um instrumento nem um produto acabado, mas é sobretudo uma ação que se faz no espaço e no tempo das relações sociais, sendo por isso mesmo constituído de sujeito.

A METODOLOGIA E AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A pesquisa aqui apresentada utilizou em seus procedimentos metodológicos recursos, nos quais foram realizadas, em sala, atividades que contemplaram, ao mesmo tempo, o lúdico e o dialógico a partir da seguinte estratégia:

Optamos por um trabalho conjunto, onde as atividades eram realizadas inicialmente por uma pesquisadora, acadêmica do curso de Educação Física. Brincando com o corpo, dançando ou fazendo movimentos sincronizados, promovíamos uma interação entre a turma e o ambiente da própria sala de aula. Em seguida narrávamos uma história que permitisse uma dinâmica com a turma.

Ao gerar um ambiente descontraído que partia do jogo ou da música cantada, propúnhamos uma produção de texto na qual as crianças tinham liberdade para escrever de acordo com o que viram naquela brincadeira.

Nosso objetivo era criar na sala de aula, um ambiente lúdico e descontraído, como aquele observado na hora do recreio (onde as crianças correm, pulam, cantam, dançam, jogam peteca, pulam elástico, contam suas histórias uns para os outros), essa inter-relação, entre o conteúdo curricular e o jogo, promove nos alunos um prazer que, não é observado no ambiente escolar com a ausência do lúdico (onde as crianças fazem tarefas mecânicas por obrigação).

Os resultados foram percebidos nas falas dos alunos, conforme destaca-se a seguir:

Aluno: - Oi tia! Hoje a senhora vai dar aula na nossa turma ?

Professora: - Vou sim!

Aluno: - Ah! professora é tão bom quando a senhora vem, porque agente brinca, conta história não é como todo dia, que agente tem que copiar um monte de tarefa.

Aluno: Professora porque você não dá aula todo dia pra gente? Ia ser muito legal, nem parece que é escola.

A mesma fala foi vislumbrada várias vezes por diferentes alunos durante o período da pesquisa.

O aluno que participa das atividades lúdicas dispõe-se do prazer de criar, de imaginar, é um aluno que esquece a briga com o colega e aceita a parceria no jogo. A professora relata como eles normalmente são agressivos. E as vezes, a dificuldade de desenvolver um conteúdo sem que ela precise pedir silêncio, ou que fiquem sentados, e até mesmo encaminhar o aluno para a orientação da escola.

Com proposta lúdica, os alunos ficam eufóricos, porém, sabem que é necessário organização para a brincadeira dar certo. Nesse caso, a leitura e a produção escrita são resultados da atividade desenvolvida. O aluno traz para o seu texto a sua leitura de mundo e tem liberdade para contar a sua história e depois socializar com o restante da turma. A resposta ao nosso objeto de pesquisa pode ser visivelmente observada nos textos.

Assim, o lúdico passou a fazer parte das atividades físicas e a linguagem passou a ser estudada dentro do intervalo instituído pelas e nas atividades físicas e lúdicas.

O mais interessante é que o lúdico observava-se um processo: o primeiro, a palavra escrita (leitura do livro) que cria o espaço do lúdico; Em segundo, o lúdico que desencadeia a linguagem e a atividade física; E o terceiro, a nova leitura do texto, a partir das experiências vivenciadas na atividade física/lúdico que

constituídos em um espaço dialógico, proporciona um retorno ao texto: a (re)leitura, a oralidade e a escrita do que foi vivenciado porque as crianças passam a expressar no processo dialógico contínuo, toda a sua alegria, toda o seu sentimento de prazer, de curiosidade.

A seguir, serão destacadas algumas das atividades que foram desenvolvidas a partir de situações lúdicas promovidas pelas pesquisadoras na escola e que no contexto do texto aqui proposto, poderão ser identificadas como categorias de linguagem que remetem à leitura e a escrita.

COMO SE CONSTRUIU A INTERAÇÃO?

Na prática como é que se construiu a interação para se chegar na leitura e escrita? O lúdico como propulsor da linguagem permite que esta possa ser vivenciada pelas crianças em três grandes momentos.

Resgatando uma das atividades realizadas com os alunos da 2ª série, pôde-se perceber a relação que se estabelece entre o lúdico e a linguagem construída a partir da confecção de um brinquedo.

Foram levados para a sala da 2ª série jornais, papel celofone, fita durex e pedimos as crianças que se sentassem todas em círculo no chão da classe. Na seqüência foram colocados todos os materiais no meio do círculo e explicado às crianças que elas iriam confeccionar uma bola.

Aluno: – Professora, essa bola serve para jogar futebol?

Professora: – Serve, se vocês prestarem atenção ela vai sair perfeita!

Aluno: – A nossa vai poder rolar?

Aluno: – Como a nossa vai rolar no chão professora, se o papel é muito leve para dar peso na bola?

Professora: – Nós vamos usar o jornal e com ele fazer uma bola pequena, depois enrolar no papel celofone e passar a fita durex! Tem papel de várias cores e vocês poderão escolher a cor da bola.!

Professora: – Eu vou fazer uma, quero que vocês prestem bem atenção em como eu vou enrolar o papel na bolinha e passar a fita, depois cada um vai no meio do círculo e pega o seu pedaço de papel celofone, o uma página do jornal e um pedaço de fita.

Aluno: – Quem acabar logo pode brincar!

Pensando com Borges(1999), esse tipo de atividade se identifica com a Tecnologia Alternativa, ou seja, é um modo de confecção de brinquedos que se tornam materiais pedagógicos, confeccionados pelos com os alunos, na qual também pode se identificar a presença da linguagem corporal e oral, o que possibilita gerar na sequência ações de escrita e leitura.

A EXPRESSÃO ORAL

Aluno: – Tia, me dá um pedaço de fita que a minha está quase pronta!

Aluno: – Felipe, a minha bola está mais bonita que a sua e ela é maior.

Aluno: – Tia! Eu já acabei posso brincar com a Maira?

Professora: – Quem terminar pode ir para o pátio brincar com a sua bola! Saiam com calma para não derrubar os colegas.

Aluno: – Tia, a minha bola voa alto!

Aluno: – só menino é que pode brincar de futebol com a bola?

Professora: – Não, quem falou isso para você Taiara?

Aluno: – Fabiane a sua está maior, assim ela vai mais longe!

Aluno: – Rafael, deixa eu enrolar a fita para você?

Aluno: – Rafael a sua bola ficou muito grande! Me ajude a fazer uma maior pra mim!

Nesse tipo de atividade lúdica, além do envolvimento do aluno, identifica-se a constituição de sujeito no processo, pois a criança, como aluno, tem a oportunidade de se expressar de varias formas, construindo idéias e formas, vindas dele, num momento de criação próprio.

No momento da confecção do brinquedo, foi possível perceber que a socialização e a integração das crianças acontecia por meio de uma relação que se estabelece entre a criança e o brinquedo, entre criança e professor e criança/criança, constituída pela atividade lúdica.

O espaço da sala de aula passou a ser marcado por várias vozes que vivenciam experiências: é o construir, o interagir e o socializar. As crianças perceberam a importância do ouvir para poderem então entender o processo de confecção do brinquedo, depois, aprenderem a relacionar-se com o outro que também participa

da atividade, dividindo os materiais, ajudando na confecção da bola, sugerindo idéias, imaginando outras possibilidades, ou seja, ocorre uma verdadeira interação de idéias e ações.

Ao mesmo tempo, percebeu-se como esteve presente o falar, nas trocas de informações entre eles e deles com as professoras.

No pátio da escola, brincando de diversas maneiras com a bola, as crianças desenvolvem a expressão corporal. É no envolver-se com o brincar que percebemos os vários sentimentos vivenciados a partir de uma interação com o brinquedo, a brincadeira e o outro.

O brilho dos olhos, a alegria, os sorrisos, os gestos de incentivos, os gritos, confirmaram, a partir da expressão facial e corporal, o contentamento e o prazer despertados na criança a partir do brincar, ora arremessando a bola para um colega pegar, ora atirando-a para o ar e depois aparando com uma das mãos, ou, ainda, jogando para o alto, os movimentos dos membros superiores e inferiores trabalham, ainda no plano da expressão corporal e mecânico, porém possibilitando às crianças a atividade física, lúdica e conceitual, bem como os aspetos da linguagem.

2) A PRODUÇÃO ESCRITA

Percebe-se que a escrita é significativa porque nasceu de um processo vivencial, em que houve interação criança/criança, criança/professor e criança/brinquedo, mediada pela atividade lúdica.

Essa prática dialógica acaba por resultar em um texto múltiplo, com as vozes das crianças, com suas experiências e permitindo uma produção espontânea que retrata a relação da criança com a linguagem e com o objeto.

A minha bola e sapeca

Eu fiz a minha bola com jornal fita durex verde e papel celefone eu brinquei com minha colega joana e gostei de brincar a bola não é só de menino é de menina também a professora me ajudou a fazer a bola foi muito legal fazer é brincar com ela brincar com a bola de papel é divertido, boa idéia vista bola

Observa-se que no texto, produzido por Letícia, aluna da 2ª série, o relato de experiência se faz presente, é o sujeito que conta a sua história com um sentido significativo: "é muito legal fazer e brincar com ela". "É divertido, boa idéia. Viva bola", que proporciona a recriação do cotidiano. Ela faz a bola, brinca com a bola e recria um novo sentido para esse brinquedo.

O fato de interagir com o objeto da brincadeira e envolver-se com um outro (a amiga) no brincar, ela descobre que a bola não é só de menino é de menina também, é nesse momento que o lúdico e a brincadeira cumprem o papel de interpretar o mundo, recriando novos conceitos e promovendo o despertar de uma consciência crítica.

As representações feitas por meio dos desenhos também confirmam a relação da criança com o brinquedo e a escola. A escola torna-se mais bonita, maior, mais alegre, cheia de vida.

O brinquedo, símbolo da fantasia, da alegria, do amor, passa a fazer parte do universo escolar, permitindo à criança o espaço para o sonho e para a imaginação, nesse espaço, confirmando a interpretação do mundo e as relações vivenciadas pelas crianças com os objetos desse mundo e com as pessoas.

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PROPULSORA DA LINGUAGEM

1o. Momento - "O SACO"

Chegamos à sala com ar de mistério, usando chapéu de fada e vara de condão com estrela na ponta. Carregávamos um saco grande e preto quase todo cheio. Iniciamos lendo e contando a história: "O saco". As carteiras da sala estavam dispostas em semicírculo e todos os alunos sentados escutavam atentamente. A cada página nós mostrávamos as figuras para que eles melhor entendessem o enredo e ficassem atentos. Ao término da história pedimos para que a professora sorteasse seis alunos, que iriam participar de um jogo de adivinhação.

A brincadeira tinha uma certa cerimônia: A criança sem olhar o que tinha dentro do saco, segurava a varinha e repetia as palavras mágicas (salabim...! salabam...!!), então ela podia pegar qualquer objeto do saco.

1) A EXPRESSÃO ORAL

Aluno: -professora o que tem ai dentro?

Aluno: -eu não tenho medo de colocar a mão ai tia!

Aluno: -eu também quero ir tia.

Aluno: -nossa é um robô!

Aluno: -olha esse boneco passa no desenho ele é o Tazmania.

Professora: -quem sabe tocar flauta?

Aluno: -eu sei tocar uma música professora foi a minha irmã quem me ensinou.

Aluno: -eu também sei tocar Carlos, eu te ensino um monte de música.

A curiosidade era tanto, que eles ficavam em silêncio na hora que um deles tirava o objeto do saco e logo após vinham os comentários da turma sobre cada brinquedo.

Foi possível observar que a brincadeira é fundamental na vida das crianças, é através dela que a criança cria seu mundo, desperta a vontade, adquire consciência e sai em busca do outro pela necessidade que tem de companheiros.

No saco colocamos vários brinquedos: Um painel em que uma menina fazia aniversário; outro sobre motivos do mar, um robô, uma girafa, uma flauta, tubo de lata na qual saia o Taz mania e um gênio com tapete mágico.

Muitos não se conformavam em apenas olhar, queriam pegar e ver de perto,

Aluno: -sai da frente Gabriel, que eu quero ver a mágica!

Aluno: -professora esse gênio é da história do Alladim, eu já assisti esse filme!

Professora: -É esse mesmo, só que esse aqui é de brinquedo não faz nenhuma mágica nem sabe voar.

Aluno: - tia, meu pai sabe fazer mágica com moeda!

Ao final da brincadeira, pedimos para que cada um escolhesse um daqueles brinquedos e contasse uma história de acordo com a sua imaginação. Nesse momento, alguns pediram para desenhar, outros queriam falar sobre vários ao mesmo tempo, tal foi o entusiasmo das crianças. O espaço promovido despertou nos alunos algo que já faz parte da sua própria natureza: a imaginação.

A criança que brinca, espontaneamente se mostra, fala de sua cultura da sua história. Ela revela aos colegas, situações vividas em sua casa; que para ela são importantíssimas; o aluno fala que seu pai sabe fazer uma mágica. São vozes recheadas de sentimentos e significados.

A PRODUÇÃO ESCRITA

Era uma vez

era uma vez

uma fada

que vivia na cozinha

Pegava fermento
Uma colher de vento
Um pouco de açúcar
Três batidas na porta
E icataplum
Surgia uma torta.

As palavras Paulo Freire(1994), explicam a produção acima, onde fala que os textos, as palavras e letras, transcendem seu próprio limite, ou seja, a “leitura de mundo” vislumbrada pelo contexto precede a “leitura da palavra” pura e simples. Nessa concepção o indivíduo se percebe como sujeito ativo na inter-relação leitura-escrita. É, portanto, segundo o autor, a partir da leitura de mundo que as situações e emoções são revividas, recriadas e transferidas ao texto sem perder de vista os detalhes pertinentes ao contexto da história.

A criatividade do aluno se transfere para o texto, possivelmente revela uma fada que é muito conhecida, talvez essa aluna esteja falando da sua própria mãe, pois é quem vai para a cozinha fazer mágica (muitas vezes com tão pouco) com os alimentos. Paulo Freire(1994) mostra ainda, que é mais fácil falar daquilo que lhe é familiar, das situações as quais fazem parte do seu contexto.

2o. Momento - A BRINCADEIRA DOS INSETOS

Bahktin(1979) afirma que ... “não são palavras que pronunciamos, mas mentiras ou verdades, tristezas ou alegrias”.

Continuando o diálogo com as crianças por meio de histórias e atividades físicas, foram lidas várias narrativas entre elas Q BARATO de Guto Lins. A história foi contada em círculo. Todos ouviram atentamente. Os personagens eram insetos: pulga, mosca, traça, formiga, abelha, carrapato, pernilongo, e o mosquito.

1) A EXPRESSÃO ORAL

As crianças diziam:

Aluno: - Tia lá em casa tem uma.

Aluno: - Eu já vi traça, ela come a roupa!

Aluno: - Tia, a barata é suja.

Aluno: - Sim. A abelha não é má. Eu gosto de mel.

Aluno: - E a mosca?

Aluno: - Tia, a mosca é suja também. Não pode dexta alimento sem tampa.

Logo depois, eles começaram a imitar os bichos. Uns corriam como as formigas. Os outros batiam as asas como as abelhas e esticavam os braços. Todos fizeram inúmeros exercícios. Em seguida, passaram a imitar o som dos animais: o zumbido da abelha, o barulho das formigas, o zumbido da mosca. Nessa atividade, do ponto de vista lúdico e da atividade física, foi possível verificar a presença das linguagens corporal e oral, bem como o esquema e a expressão corporal de cada participante.

2) A PRODUÇÃO ESCRITA

Depois de brincarmos muito, passamos ao texto escrito, cada qual escreveria um texto falando do animal que mais acha divertido. Tivemos várias produções textuais que analisamos a seguir:

A barata

A vive nas casas, ela tem umas antenias, aquela antenias e para quando ela ouvi um barulho A barata é um inseto, tem umas barata pequenas, tem outros insetos.

A barata dis que vai viajar de avião e mitira da barata que ela vai de caminhão.

A barata é um tipo de inseto e também outros insetos como: formiga, carrapato, mosquito, carapanã, pulga, abelha, traça, pernilongo e mosca.

A barata é marron e preto.

Ao construir o seu texto, a criança o fez utilizando diferentes vozes, aquelas presentes em sua cultura "a barata vive nas casas, ela tem umas antenias", o discurso pedagógico da escola "a barata é um inseto" e, ainda, o somatório das vozes resultantes dos fios tecidos nos discursos orais "outros insetos formiga, carapanã, carrapato" e ainda as outras vozes - a intertextualidade - ela buscou na música já conhecida, recursos que ela subverteu e recriou, instituindo a novidade

“a barata dis que vai viajar de avião é mitira da barata que ela vai de caminhão.” Estabelecendo analogia com a música folclórica da barata, que é cantada popularmente. É o primado do intertextual sobre o textual que resulta em uma polifonia discursiva.

É certo que a criança não escreve ainda dentro da norma padrão que deve se constituir no permanente contato que ela terá com textos orais e escritos dentro e fora da escola, mas o importante é a presença, neste texto, de um universo tecido de maneira criativa e que foge aos tradicionais modelos de cópia da cartilha.

O lúdico foi o elemento propulsor dessa intertextualidade, no espaço intervalar entre vozes e brincadeiras surge o texto, rico de cultura, história e singularidades.

A criança está sempre pronta para criar outros sentidos para os objetos que possuem significados fixados pela cultura dominante, ultrapassando o sentido único que as coisas novas tendem a adquirir. Sendo capaz de denunciar o novo no contexto do sempre igual, ela desmascara o fetiche das relações de produção e consumo.

A criança conhece o mundo enquanto cria, e, ao criar o mundo, ela nos revela a verdade sempre provisória da realidade em que se encontra. Assim, ela é capaz de resgatar uma compreensão polifônica do mundo, desenvolvendo, por meio do jogo que estabelece na relação com os outros e com as coisas, os múltiplos sentidos que a realidade física e social pode adquirir.

RESULTADOS OBTIDOS

Essas atividades integradas: atividade física, o lúdico como elemento mediador e a linguagem, instituída nesse processo, trouxeram resultados importantes: os alunos passaram a realizar atividades físicas com prazer, as leituras de histórias infantis passaram a ser realizadas com mais frequência e as atividades de linguagem também assumiram uma outra perspectiva: dialógica, porque a oralidade, a cultura e a história passaram a ser consideradas.

Assim, a escrita foi para o mural e as histórias passaram a circular em sala como um prazeroso modo de aprender. O lúdico tornou-se prática escolar indispensável para o processo de letramento, principalmente fazendo esse elo com outras disciplinas, uma vez que a leitura e a escrita deixam de ser atividades mecânicas e passam a ser algo significativo na vida da criança, que passa a atribuir sentido ao que lê e ao que escreve.

CONCLUINDO...

Percebemos que mesmo com todo o esforço e todo o empenho em tão curto espaço de tempo, não é capaz de transformar, por inteiro, a postura dos educadores, porém acreditamos ter contribuído mesmo que modestamente para uma mudança no contexto escolar.

Esta proposta poderia ser considerada ousada, pois privilegiou: o brincar, o cantar, o expressar-se, o criar, imaginar e o narrar experiências, dentro da sala, desvinculando o ensino das atividades do livro didático; despertou nos alunos um prazer, antes não percebido. Acreditamos que o espaço para reflexão foi propiciado, pois, todos os envolvidos perceberam os resultados positivos dessa proposta.

Embora os contra tempos aparecessem, obtivemos bons resultados, concluímos, portanto, que os fundamentos dialógicos Bakhtinianos que instauram uma concepção dialógica de linguagem, compreendendo-a como constituída de e por sujeitos em constante interação nas relações sociais e a instituição das práticas de atividades físicas constituídas pelo lúdico, são elementos que, juntos, podem garantir a exitosidade das expressões orais, escritas e da leitura crítica, capazes de, a um só tempo, constituir sujeitos e histórias, mudando assim o perfil do ensino/aprendizagem em contexto em que cultura, história e linguagem podem abrir um espaço de valorização das experiências dos alunos de classes populares.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo Nunes. Dinâmica Lúdica: Técnicas e Jogos Pedagógicos. São Paulo: Loyola, 1974.
- BAKHTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo. Hucitec, 1979.
- CEZAR, S. L A educação física numa abordagem construtivista, 1995.
- FREIRE, J. BATISTA. Educação Física de corpo inteiro: teoria e prática da Educação Física. São Paulo: Scipione, 1989
- FREIRE, P. Importância do Ato de Ler. São Paulo: Cortez, 1994.
- GERALDI, J. W. O texto na sala de aula. São Paulo: Ática, 1994.
- HUIZINGA J. Homo Ludens. São Paulo: Perspectivas, 1993.
- KRAMER, S. e LEITE, M.I. Infância: fios e desafios da pesquisa. Campinas-SP:Papirus, 1998
- SILVA, E. T. Criticidade e leitura. Campinas-SP: Mercado de Letras, 1999.
- SOUZA E JOBIM, S. Infância e Linguagem.Campinas-SP: Papirus, 1995.
- VIGOTSKY. L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes. 1987

SUGESTÃO DE LEITURA

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E ABRIGOS INSTITUCIONAIS

ARNEIDE CEMIN (org.)
EDUFRO

RESUMO: É na família que a criança estrutura grande parte de sua personalidade e vai adquirindo meios de sobrevivência. Ela, família, deve oferecer ainda, suporte afetivo, emocional e material. Porém, observa-se que nem sempre a família consegue desempenhar com eficácia seus papéis, e muitas vezes, perde-se entre eles em função de inúmeras e diversas dificuldades que ocorrem no seu cotidiano e que podem desencadear, entre outras situações, a da violência doméstica.

SUMÁRIO: As características institucionais dos abrigos governamentais para crianças e adolescentes em Porto Velho; Violência e acolhimento; Família e violência.

Áreas de interesse: Antropologia, Ciências Sociais.

Palavras-chave: Infância e adolescência; Abrigos institucionais, Violência doméstica.

